

**Projeto:** Entre a Casa, as Ruas e as Instituições: crianças e adolescentes em situação de rua e as instituições de acolhimento no estado do Rio de Janeiro

Levantamento da Produção Acadêmica sobre Acolhimento Institucional para Crianças e Adolescentes (2000-2019)

**Coordenação:** Irene Rizzini (PUC-RIO/CIESPI - Apoio: FAPERJ/CNE)

## Ficha

1) Referência – NASCIMENTO, Maria Lívia do; LACAZ, Alessandra Speranza; ALVARENGA FILHO, José Rodrigues. Entre efeitos e produções: eca, abrigos e subjetividades. Barbarói (Santa Cruz do Sul), 33, 50-64, 2010.

2) Resumo e Palavras-Chave – O presente artigo pretende analisar questões levantadas pela pesquisa “Um outro lugar para a infância: dos complexos de internação aos abrigos para crianças e adolescentes”, procurando problematizar as práticas/discursos que atravessam os abrigos. As análises foram feitas a partir de entrevistas realizadas com profissionais ligados tanto aos antigos estabelecimentos de internação para crianças e adolescentes como aos atuais abrigos de proteção para infância e juventude. Dentre os analisadores que emergiram ao longo destas entrevistas, três deles foram selecionados para discutir as subjetividades produzidas e reproduzidas nos abrigos, a saber: 1) sombra dos internatos nos abrigos; 2) medicalização e psiquiatrização de crianças e adolescentes abrigados; 3) construção de autonomia.

Palavras-chave: introdução; abrigo; infância e juventude; produção de subjetividades.

3) Objetivo do estudo – Analisar questões levantadas pela pesquisa “Um outro lugar para a infância: dos complexos de internação aos abrigos para crianças e adolescentes”, procurando problematizar as práticas/discursos que atravessam os abrigos.

4) Tipo de pesquisa – Qualitativa.

5) Período da pesquisa – Não identificado.

6) Forma de coleta de dados – Entrevistas realizadas com profissionais ligados tanto aos antigos estabelecimentos de internação para crianças e adolescentes como aos atuais abrigos de proteção para infância e juventude, buscando problematizar o cotidiano desses estabelecimentos através de suas falas, seus discursos.

7) Forma de análise dos dados produzidos / referencial teórico – A partir de ferramentas fornecidas por Foucault (2000, 2005), foi possível colocar em análise as falas dos profissionais entrevistados, entendendo que é, também, através do discurso, da palavra posta em movimento, da prática da linguagem que se estabelecem relações de poder e que objetos, mitos e instituições são construídos, produzindo sentidos por/para os sujeitos. Assim, no caso da pesquisa que discutimos aqui, tomamos os discursos em sua articulação com as dinâmicas de poder que atravessam o contexto dos abrigos.

Dessa forma, não representam “a verdade” sobre esses espaços, mas, antes, produzem certas verdades - locais, parciais, fragmentárias - sobre eles. Por outro lado, os discursos têm que ser tomados, também, em sua articulação com a lei, ou melhor, a própria lei se constitui como um conjunto de discursos que almejam ordenar e legitimar práticas (discursivas e não discursivas). As leis, como o ECA, são um efeito e, ao mesmo tempo, um (re) produtor das relações de poder. Assim, da mesma maneira que os discursos, elas emergem a partir de determinadas relações de poder e engendram verdades. Daí a importância de se colocar em análise os discursos dos profissionais que trabalham em abrigo sem, contudo, desconsiderar a lei (ECA) que produziu o abrigo enquanto local de assistência à infância e à juventude. Dentre os analisadores que emergiram ao longo destas entrevistas, três deles foram selecionados para discutir as subjetividades produzidas e reproduzidas nos abrigos, a saber: 1) sombra dos internatos nos abrigos; 2) medicalização e psiquiatrização de crianças e adolescentes abrigados; 3) construção de autonomia.

8) Resultados / dados produzidos – Nossas análises avançaram no sentido de captar criticamente o que está sendo produzido nos abrigos, buscando perceber, através das falas dos profissionais, como as relações estão se dando nesses espaços quanto à implementação do ECA. No entanto, sabemos que, nesses locais, a exemplo de tantos outros, existem diferentes forças, diferentes potências circulando. Se entendermos a lei como algo a ser cumprido, ela estará sempre na via da moral, e estaremos ignorando as multiplicidades de convivências, de afetos, de criação de possíveis. A lei é mais uma força que circula. Quando presente no abrigo, outras se misturam com ela. É essa convergência que vai dizer do funcionamento de um determinado abrigo, mecanismo que o torna singular em comparação com outros estabelecimentos do mesmo tipo. É importante frisar que as falas dos entrevistados estiveram muito voltadas para as irregularidades, para o não cumprimento do ECA de maneira efetiva, ou, ainda, para as dificuldades de fazer um trabalho inventivo em seus locais de trabalho. No entanto, sabemos dentro desse olhar dos profissionais, o abrigo é um lugar onde também pulsa a vida, onde cotidianamente se constroem práticas e laços de enfrentamento.

9) Recomendações – Não identificado.

10) Observações e destaques – Este artigo discute algumas questões produzidas a partir da pesquisa “Um outro lugar para a infância: dos complexos de internação aos abrigos para crianças e adolescentes”, vinculada ao Programa de Intervenção Voltado às Engrenagens e aos Territórios da Exclusão Social (PIVETES). Este consiste num Grupo de pesquisa do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, que estuda questões referentes à infância e à juventude pobres e às chamadas políticas de proteção e assistência a elas dirigidas.

Ficha construída a partir de trechos extraídos do texto original.